

# A IMAGÉTICA *MEHI*: REFLEXÕES INICIAIS SOBRE IMAGENS *CUPE* E IMAGENS KRAHÔ

*Joel Cuxy*<sup>1\*</sup>

*Universidade Federal de Goiás (UFG)*

*Alexandre Herbetta*<sup>2\*</sup>

*Universidade Federal de Goiás (UFG)*

## RESUMO

O texto aqui apresentado é parte de um debate realizado atualmente no Comitê Krahô-Apinajé do Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena (NTFSI) tanto nas etapas de estudos em Goiânia quanto nas etapas em Terra Indígena. Neste diálogo coletivo, apresentam-se trechos das falas e reflexões de dois membros do Comitê, os quais buscam pensar sobre a estética da imagem entre os *mehi*. Desta forma, identificam-se aspectos interessantes sobre a produção, o uso e a difusão de imagens entre os Krahô, os Apinajé e os *cupe*, os quais têm relação direta com os modos de vida de cada população. Além disso, procura-se entender a importância da autoria na produção das respectivas imagens. Note-se que um dos objetivos do referido Comitê é a produção de material didático com conteúdo audiovisual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imagem. Autoria. Material didático.

## ABSTRACT

The text presented here is part of a debate developed in the Krahô-Apinajé Committee at Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena (NTFSI) which occurs in Goiânia as in Indigenous Land.

---

<sup>1\*</sup> Indígena (NTFSI) da UFG e faz parte do Comitê Krahô-Apinajé. Vive na aldeia Manoel Alves Pequeno e trabalha com produção de conteúdo audiovisual.

<sup>2\*</sup> É professor do Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena (NTFSI) da UFG e faz parte do Comitê Krahô-Apinajé. É doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP e vice-coordenador do Curso de Especialização em Educação Intercultural e Transdisciplinar: gestão pedagógica do NTFSI.

In this collective dialogue, we present excerpts from speeches and reflections of two members of the Committee, which seek to think about the aesthetics of the image among *mehi*. Thus, it identifies interesting aspects of the production, use and dissemination of images among Krahô, Apinajé and *cupe*, which are directly related to the lifestyles of each population. Furthermore, we look to understand the importance of authorship in the production of respective images. Note that one of Comitee goals is the production of teaching materials with audiovisual content.

**KEYWORDS:** Image. Author. Teaching material.



No Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena (NTFSI) cada povo indígena trabalha em um Comitê, responsável por orientar a produção das atividades desenvolvidas como o trabalho extrascolar e o relatório de estágio. É responsável também por refletir sobre o mundo contemporâneo e a educação escolar indígena.

O Comitê Krahô-Apinajé, aqui em foco, busca contribuir para a construção de uma educação diferenciada nas comunidades em questão, assim como para o fortalecimento do referido Núcleo. Os integrantes do Comitê são os professores Rogério Kamêr Apinajé, Júlio Kamêr, Gilberto Katán Apinajé, Emílio Nindjô Apinajé, Maria Dos Reis Paxlé, Maria Célia Kréré, José Eduardo Apinajé, Davi Wamimen, Cassiano Apinajé, Taís Pocuhto, Juliana Terquy, Joel Cuxy, Gregório Huhte, Edvaldo Paraty, Ariel Pepha, André Cohtat, Ovídio Krahô, Dodanin Pliken e Alexandre Herbetta. O trabalho apresentado neste texto é fruto dos debates realizados nas etapas de estudo e trabalho de campo. Trata-se portanto de algo coletivo.

Mais especificamente será apresentado aqui um diálogo entre dois integrantes do Comitê – Cuxy e Herbetta - acerca do potencial pedagógico que existe na produção de imagens. Este diálogo aconteceu – e ainda acontece - ao longo de uma série de eventos, não sendo portanto resultado de uma só conversa. É uma conversa esticada como falamos...

Uma questão chave das reflexões do Comitê é a da produção de um material didático que realmente tome como base os saberes indígenas e se afaste do material didático que chega à aldeia hoje. Chama a atenção do Comitê que há ainda uma enorme quantidade de material produzido por indígenas e não indígenas fora de contexto. Em outras palavras que tomam como base uma epistemologia ocidental.

Lembro-me que na etapa de outubro de 2013 na aldeia Mariazinha na TI Apinajé chegamos à conclusão de que normalmente o que se tem em termos de material didático são tentativas que na maior parte dos casos têm como base ainda uma estrutura que está mais próxima dos modos de pensar do não indígena. Chamamos a isso na etapa de “modelo enciclopédico” e “de gaveta”.

Isto porque em primeiro lugar muitas vezes, mesmo quando é realizado por professores indígenas, vêm no formato bastante similar ao do material do “branco”, qual seja, tem um tema geral, como, por exemplo, “a mitologia”, e uma série de conteúdos relacionados a ele. É como uma enciclopédia! O termo ‘gaveta’ apareceu no sentido de se referir ao fato de que tais livros trazem em si limitações a outras epistemologias, pois fecham a proposta de estudo no grande tema

em tela. Por exemplo, quando fala de mitologia faz um apanhado de narrativas que se consideram míticas sem ao menos questionar a categoria “mito”. Em outras palavras tem como matriz o regime disciplinar.

Conversamos sempre com base e em relação às pesquisas e ao estágio-docência realizados pelos professores indígenas do Comitê. O trabalho extraescolar de Júlio Kamêr (2013), por exemplo, aponta para outra epistemologia. Ele tem como centro a ideia de que, para se proteger o território Apinajé das queimadas e, assim, manter seus recursos naturais protegidos e garantir sua sustentabilidade, é preciso cantar as músicas tradicionais. A partir daí, Kamêr cria práticas pedagógicas intra e interculturais relacionadas ao tema, e aponta para sua importância na matriz curricular nativa.

A pesquisa de Gregório Huhte Krahô (2013) também indica este outro modo de pensar. Ela trata da musicalidade. Para ele, ao estudar a música nativa, os alunos têm contato com outros domínios culturais e saberes, como a história, a geografia, o território e até mesmo a matemática. Para Huhte, “desde sempre, o mundo Krahô tem a ver com a relação entre a esquematização de dominar músicas e estudo de matemática local”. Sua pesquisa aponta para a importância da noção de exatidão – presente na música – para o modo de ser Krahô e para a sustentabilidade da vida. Huhte diz ainda que “as músicas são da natureza... e devem ser cantadas de maneira exata para a sustentabilidade... aprendemos a cantar pelos pássaros, árvores, rio, céu e outras espécies. Não tem música inventada. Sempre é o mesmo ritmo de cantar, dançar, pular”.

Note-se que nas pesquisas mencionadas há uma outra lógica presente. Esta trata de associação de temas. Assim, por exemplo, não é possível falar em mito sem falar em canto, em dança, em culinária, em pintura, em corpo, em saúde e assim sucessivamente.

Note-se ademais que o formato que ainda prepondera nos materiais didáticos é o do texto escrito em detrimento da linguagem audiovisual, que possui na opinião do Comitê grande potencial pedagógico. Nesta direção, os próprios acadêmicos chamam a atenção para a possibilidade e o potencial do uso de áudio e imagem na produção de material didático. Joel Cuxy Krahô, membro do Comitê, inclusive, debruça-se sobre a questão e traz inúmeras

reflexões interessantes sobre a imagética *Mehi*.

\*\*\*



Cuxy: Eu tô gostando de filmar. Iniciei em abril de 2014. A câmera é do Museu do Rio de Janeiro – do projeto “PRODOCULT – PROGRAMA DE DOCUMENTAÇÃO DE LÍNGUA E CULTURA”. Iniciei na Aldeia Pé de Côco/Krahô quando me pegaram de surpresa. Com o apoio de Dodanin comecei a filmar todas as festas. De repente ganhei essa câmera sem ter noção de nada, de mexer. Bruno me deu umas aulas. Na primeira vez que filmei me senti mal. A câmera estava pesada. Fui me acostumando.

No início a imagem era tremida. Filmei as Festas Pohy, Pre Parti, Par Capé, Awaje, Pàrcahaàc, Pohiy Pry, as entrevistas de Secundo, Ismael, Katan, alguns momentos como a defesa de TCC de Gilberto Katan, a inauguração do Núcleo Takinahakỹ, um sonho de Secundo, algumas atividades do Núcleo Takinahakỹ, a história do Wyhty, a história do Parti, os resguardos dos filhos no casamento, algumas pinturas e corridas, os Jogos Indígenas na aldeia Manoel Alves, a maratona na aldeia (16 km), um intercâmbio na aldeia

Krahô-Canela, um professor Krahô dando aula na língua para os Krahô-Canela.

Meus objetivos são o de produzir material audiovisual sobre a cultura *mehi*, registrar todas as festas resgatando algumas coisas como, por exemplo, casamento, refletir sobre a produção e as possibilidades do material audiovisual e produzir material didático para todas as escolas Krahô. De modo geral, quero incentivar meu povo e os jovens que estão indo para a cultura do *cupe* a continuarem *mehi*.

Hoje o jovem já tem mais conhecimento na letra, se a pessoa não souber o escrito a filmagem pode ajudar. Se esquecer na escrita, com a filmagem tem mais facilidade para aprender. Na escrita é mais para orientar, lembrar. Na escrita não vai reconhecer o todo, mas só alguns detalhes.

A filmagem complementa o conhecimento. Na filmagem vai ver o gesto, a dança, a pintura, identifica pintura e partido diferente, objetos como o chapéu.

\*\*\*



Herbetta: É interessante notar nesta discussão que eu também gosto de produzir conteúdo audiovisual. Eu busco utilizar a imagem em

todas as etapas de estudo do NTFSI como meio de registrar e refletir as experiências do curso. Além de ter apreço por produzir boas imagens, ao menos de meu ponto de vista. Muitas imagens inclusive são apenas registros para mim mesmo.

Ao longo destes períodos, especialmente nas aldeias, tento através da fotografia marcar alguns momentos importantes e usar estas imagens no material didático produzido para estudo – como abaixo. Desta forma, insiro as imagens produzidas no material a ser trabalhado tentando trazer a experiência cotidiana do momento para a discussão.

Quase sempre estou com minha câmera fotográfica à mão ou pendurada no pescoço tentando achar um bom enquadramento. Claro que neste processo sigo meus códigos culturais quando escolho a cena.

Os indígenas também geralmente levam suas câmeras e/ou celulares e costumam registrar os eventos. Quase nunca trocamos ideias sobre as imagens registradas, o que é uma pena.

ATIVIDADE DE LEITURA  
"PEDAGOGIAS DECOLONIAIS"  
Catherine Walsh



*¿Escucharon?  
Es el sonido de su mundo  
derrumbándose...  
el del nuestro resurgiendo.*

—Subcomandante Marcos (diciembre 2012)

A foto acima, que ilustra uma atividade, sobre um jogo de futebol feminino na aldeia Mariazinha, levou para a discussão

os momentos cotidianos vividos na aldeia e buscou discutir a importância deles em relação aos saberes que vêm de fora. A partir da imagem discutiu-se, por exemplo, acerca do uso das regras tradicionais em atividades que muitas vezes aprenderam fora da aldeia, como o futebol. Tal discussão buscou uma reflexão sobre esta relação, qual seja, o uso de regras tradicionais em outras instituições, como a escola. Assim, a partir da imagem, uma de nossas questões era se a escola ou a dinâmica escolar tomava como base as regras ditas tradicionais.

Às vezes as imagens rendem boas discussões; às vezes, não.

Em uma das etapas de campo, em abril de 2014, tive a oportunidade de fotografar um dos eventos que sempre ocorrem paralelamente às etapas. Estes eventos são parte importante destes períodos de estudo, pois estimulam o diálogo entre as outras pessoas que vivem na comunidade, os convidados indígenas ou não e nós, professores da UFG. Eles geram uma profunda troca de conhecimentos e afetos intensificando os momentos em questão e difundem as ideias do curso.

Neste momento dois professores Apinajé estavam participando de uma etapa de estudos na aldeia Manoel Alves Pequeno/ TI Kraholândia e foram convidados a “ganharem nome” entre os Krahô. Ou seja, eles iriam ser batizados no pátio. Prato cheio para um fotógrafo, mesmo um amador!

Um deles me pediu então que fotografasse o evento, já que eles estariam participando. Fiquei bastante feliz, pois tinha ali autorização para chegar bem perto das cenas e para participar mais intensamente.

Eu tinha em mãos uma máquina relativamente simples, uma PENTAX X-5 digital com zoom, o que me permite fotografar com poucos limites quantitativos, já que o suporte é digital e a qualidade da imagem é razoável.

Dessa forma procuro fotografar bastante – quantitativamente – de modo que vou, na prática, identificando melhores enquadramentos, luz, personagens e possibilidades. É como se no ato de fotografar – na prática mesmo – fosse reconhecendo um pouco a dinâmica corporal e cultural das pessoas e do cenário.

Fotografo muitas vezes a mesma cena, variando os elementos



mencionados acima até entender quais são as possibilidades da imagem. É um processo. É como se fotografar fosse aprender.

Normalmente a melhor foto demora um pouco a acontecer.



\*\*\*

Cuxy: Eu gravo as coisas em processo, tem que economizar a fita de gravação. Gravo os momentos principais, em ordem. Cada fita tem 63 minutos. Numero fita por fita, fita 1, fita 2, fita 3... 4. Classifico cada filmagem/fita pondo os nomes para não esquecer. É difícil. Nenhuma fita dura a noite inteirinha. Fico com medo de a festa estar acontecendo e a fita ou a bateria acabar na metade. A câmera também não tem flash e tripé. Ou seja, perde-se muito material.

Na aldeia, não tem igualmente energia elétrica o tempo inteiro. Além disso, não tenho ainda a informação para fazer todos os procedimentos do filme, como passar material para o computador, editar e outras coisas. Não é fácil.

A Festa da Batata, por exemplo, comecei a filmar a iniciação.

Antes das pessoas chegarem, tem que fazer aquecimento. Dois dias antes. Corre e aquece o corpo. Quando chega o dia, gravei no pátio o pessoal cantando na direção do local onde está a tora. Em seguida, à tarde, filmei a pessoa que vai avisando onde estão as pessoas que pertencem ao *Hotxa*. Depois a cantoria. Posteriormente, filmei cedinho o pessoal com tora. E, depois, a pessoa que vai casar.

Não gravei a troca de paparuto. Não deu tempo, não dei conta de gravar todos os momentos. Depois, filmei o começo de outra cantoria e as pessoas jogando a batata nos outros. Filmei também a fogueira de novo, para realizar o *Hotxa*. A filmagem foi até o *Hotxa* pois as fitas acabaram.

Por isso é importante que a filmagem seja feita em dois. A PrumKwyj me ajudou na aldeia Pé de Côco, dividimos o trabalho. Ela gravou uma parte, eu outra. Depois pode-se montar a filmagem pois às vezes as coisas acontecem ao mesmo tempo. Não tem condições de gravar o mesmo acontecimento. A festa é dividida em dois grupos, então não dá conta de gravar os dois momentos ao mesmo tempo.

\*\*\*

Herbetta: Para mim é ótimo fotografar, como disse, nas aldeias, pois a distinção cultural me é bastante atraente enquanto interesse etnográfico e imagético. Gosto de capturar os detalhes que marcam a diferença cultural. Nada melhor do que estas etapas de imersão no campo. No evento do batismo pude então fazer uma série grande de fotos, buscando os melhores enquadramentos, do banho, do pátio, do corte de cabelo. As fotos que ilustram este texto são imagens deste batismo.

Me detive nos detalhes, como se pode notar, tão distintos de minha cultura. Não me ocupei propriamente com a narrativa do evento. Com a ordem das coisas. Com o contexto, em planos mais gerais.

Sei que há métodos da antropologia visual que levam isto em consideração. Mas meu objetivo foi apenas o de capturar imagens interessantes esteticamente e etnograficamente falando, que marcassem normas culturais distintas, como abaixo. Imagens isoladas, portanto. Fragmentos do todo.

É interessante destacar que quando exibi as fotos que tirei do evento para os professores Apinajé a reação foi de desaprovação. Eles

não gostaram das fotografias. Lembro-me que argumentaram que elas não mostravam nada, ou melhor, não mostravam a divisão entre os partidos entre os Krahô, as pessoas que participaram, o cenário de maneira geral. Ignorava-se na opinião deles a organização social.

Eles criticaram igualmente o fato de que as imagens focavam apenas os detalhes e que com estes detalhes não se entendia o que estava acontecendo realmente.

Não quiseram as fotos.

\*\*\*



Cuxy: O importante para o *mehi* é a ordem das coisas. *Cupe* não conhece as festas tradicionais. Quando o filme vem editado de fora, vem tudo errado. O final da festa vem antes, o início depois. Nós conhecemos bem, tem mais noção da ordem. É importante saber a ordem das coisas. Não tem hora fixa, tem ordem. *Cupe* tem hora, *mehi* tem ordem.

Além disso, nós já conhecemos onde a coisa acontece. Tudo é na língua. A decisão sai do pátio na língua. *Cupe* não entende. Nós que filmamos temos que ficar atentos ao local decidido.

Por exemplo na filmagem da Festa da Batata os partidos ficam separados, *Wacmejé* e *Catamjé*. Devemos conhecer as pinturas para identificar o que é uma boa imagem para o *mehi*.

Uma boa imagem explica marcas da cultura, como por exemplo a pintura, o corte de cabelo. Quanto mais marcas melhor. Isso aponta o rumo da cultura para os mais jovens.

Há filmes sobre os Krahô feitos por *cupe* que não focam nas marcas da cultura. Isola por exemplo o *Hotxa* do resto do ritual. Mistura as aldeias. Mostra metade de uma aldeia, depois outra aldeia, como se fosse uma aldeia só. Gostamos de ordem. Os filmes *cupe* interrompem a ordem das coisas para, por exemplo, por momentos de entrevistas dos *mehi*.

A diferença entre as festas de *cupe* e *mehi* é muito grande. Na festa do *cupe*, usa-se roupa perfumada, todo mundo é cheio de *poré* e tem acidente, crime, muita bebida, tudo é pago. Na festa de *mehi*, se festeja, se pinta, corta o cabelo, aprende as coisas, canta, dança, pega todos os processos. Quando a festa acontece na aldeia, os jovens dançam com o cantador. Tem história, mito. A pessoa tem que estar atenta, rola cantoria, historiador, chamador.

Tem um ritmo próprio. Tudo é compartilhado.

A filmagem de *mehi* e *cupe* é diferente.

Filmar é um modo de aprender e ensinar...

